



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
Gabinete Vereador Julierme Sena

1237/2020

REQUERIMENTO Nº / 2020

Requer a transição para os anais desta Casa da matéria intitulada "Mulheres ditam trajetórias em nome de equidade e autoafirmação" veiculada no caderno Metro, jornal Diário do Nordeste. - 08 de março de 2020.

EXM.º SENHOR PRESIDENTE, DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA:

O Vereador Julierme Sena, Vereador do PROS no uso de suas atribuições funcionais em consonância com o Regimento Interno, vem mui respeitosamente REQUERER de V. Exa., no uso de suas atribuições legais e na forma regimental, requerer a transcrição nos anais desta Casa da matéria intitulada "Mulheres ditam trajetórias em nome de equidade e autoafirmação" veiculada no caderno Metro, jornal Diário do Nordeste. - 08 de março de 2020.

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 09 DE
MARÇO DE 2020.

JULIERME SENA
Vereador do PROS

Presidente da comissão de desenvolvimento econômico, turismo,
emprego e renda.

DEPTO. LEGISLATIVO
RECEBIDO

09 MAR 2020

12 h 10 min

Servidor (a)

Mulheres ditam trajetórias em nome de equidade e autoafirmação

Por Theyse Viana, theyse.viana@svm.com.br 22:00 / 07 de Março de 2020 ATUALIZADO ÀS 11:11 / 08 DE MARÇO DE 2020

Aprender a ler em plena "quarta idade"; mudar de nome e adequar gênero na segunda década de vida; pautar existência na luta pelo direito à cidade - cearenses mostram que decidir ser o que quiserem transcende o tempo



Ana Flávia Sampaio, 24 anos, coloca como marcos de vida seu processo de aceitação como mulher trans e a retificação dos documentos

Foto: Fabiane de Paula



Foi o machismo que aprisionou Maria do Socorro, durante 83 anos, na cela do analfabetismo. Foi a transfobia que talhou a identidade de Ana Flávia por duas décadas. Foi a desigualdade socioespacial de Fortaleza que expôs Lany Maria, desde sempre, às faltas que sufocam a periferia. Aprender a ler, então, foi liberdade; reconhecer a si, autoafirmação; assumir a luta por equidade, parte do DNA. Quebrar estruturas que subjagam e oprimem foi - e é - ser mulher.

viver sob o gênero feminino e ter de aprender, cedo ou depois (manhã e tarde), a se livrar de múltiplas amarras. Com o tempo se aprende que ser mulher é possuir não só o próprio corpo, mas a mente, a alma. O tempo. E administrá-los como quiser.



Mulher da periferia de Fortaleza mobiliza companheiras de bairro com ações de empoderamento





Mulheres melhoram a autoestima e a vida financeira por meio da gastronomia



Atletas rompem a barreira do preconceito e mostram força também no esporte

Maria do Socorro Oliveira, 87, escolheu cobrir-se com a farda da rede municipal de ensino aos 83 anos. Decidiu gastar as noites de segunda a sexta-feira, "sem falta!", aprendendo a juntar as letras para compor os capítulos finais de sua história.

Os iniciais foram ditados pelas figuras masculinas que a cercaram: primeiro o pai, depois o marido. "Meu pai? A gente tinha era que trabalhar no roçado e tratando de animal, lá na Serra da Meruoca, pra ajudar ele. Quando vim pra cá, foi pra trabalhar nas casas. Não podia estudar. No dia de me casar, só faltei morrer de vergonha: porque meu marido sabia ler e escrever, e eu fui botar o dedo", relembra, se referindo à assinatura por meio de impressão digital - que selou não só o matrimônio, mas uma renovação da sentença que a restringia do letramento.